

*Mário Augusto*

O ensino  
da  
**HISTÓRIA**  
na  
orientação escolar

P

Z-14

(1,75)

Imp. Lit. Fluminense

Livraria Arnado

Porto Editora

P Z-14(1,75)

O ensino da história na orientação escolar / Mário Augusto. - Porto :  
Porto Ed. [u.a.], 1975. - 48 S.  
Einheitssacht.: Lehrplan <Portugal> / Geschichte / 1975  
Deutsche Titelfassung: Geschichtsunterricht in der Orientierungsschule  
Literaturverz. S. 47

87/2429

*Mário Augusto*

*O Ensino*

*da*

# HISTÓRIA

*na*

*Orientação Escolar*

*Porto Editora, Lda.*

RUA DA RESTAURAÇÃO, 365 — PORTO

*Livraria Annado, Lda.*

RUA JOÃO MACHADO, 9 — COIMBRA

*Emp. Lit. Fluminense, Lda.*

RUA DE S. JOÃO NEPOMUCENO, 8-A — LISBOA-2

Georg-Eckert-Institut  
für internationale  
Schulbau- und  
Br.-...  
Schulbau...theorie

87/2429

1975

Tipografia BLOCO GRÁFICO, Limitada P  
Rua da Restauração, 387 — PORTO

Z-14(1,75)

## ESCOLHA DO PASSADO

A História é, como se costuma dizer, uma ciência do passado humano.

Mas o que interessa estudar do passado?

Aquilo que é de alguma maneira actual, ainda não desaparecido e nos vai permitir compreender o presente e construir o futuro.

Devemos aproveitar do passado o que irá servir para reflexão futura.

O mundo do primeiro homem continua a ser o mesmo, apesar da evolução humana até nossos dias.

Interessa-nos aproveitar do passado aquilo que nos possa dar luz para o conhecimento do mundo global.

É por isso que todo o aluno de História deve ter uma visão geral da questão histórica e deve fazer um estudo do que mais lhe interessa focar, uma visão geral da arte, da ciência, da civilização, da técnica, da economia, da política, da sociologia, da demografia e uma visão específica do seu lugar e do seu país.





## OBJECTIVOS

Todas as verdades do homem são verdades da experiência e por isso destinadas a serem postas à prova perante outras verdades já aceites como tais.

Sabemos que o historiador procura a verdade, mas sem se poder despir das suas tendências e dos seus apetites.

O aluno precisa de saber o que seja a verdade histórica e as dificuldades que existem para encontrar essa verdade.

Precisa de saber onde poderá encontrar erros, para os evitar, quer no isolamento dos factos, quer nas próprias ligações entre esses mesmos factos, quer nas interpretações e nos juízos a fazer.

Deve aprender que o valor do homem não está na verdade que ele julga ter, mas na sinceridade para descobrir a verdade.

É por isso que poderemos apontar como primeiro objectivo da História levar o aluno a

procurar o amor da verdade em qualquer circunstância.

A esta procura da verdade está ligado outro objectivo, a procura da autenticidade.

Só se o aluno for autêntico, poderá aplicar o humanismo que a própria História lhe dá.

Que veja o outro homem como homem, eis também outro objectivo da História e neste sentido procurará aguçar o sentido da solidariedade humana, lutando pela tolerância dos outros seres, vivos ou mortos, racionais ou irracionais e pela compreensão entre os homens, entre os países e entre os continentes.

Baseado nestes fundamentos humanos, forçosamente quererá entrar nas responsabilidades da sua comunidade, desenvolverá a afectividade, lutará contra o verbalismo e trabalhará com a inteligência, desprezando o uso exclusivo da memória.

A curiosidade será suscitada e novos horizontes se lhe abrirão, aparecendo então o espírito crítico de observação, com o qual aprenderá a ler um jornal, uma revista, um livro, saberá ver a televisão, o teatro ou o cinema, ouvir a rádio, tirar notas numa conferência, distinguir narrações originais das repetidas.



Porquê todo este desenvolvimento?

Pela verificação das mudanças na evolução da humanidade, embora sempre na permanência das grandes constantes.

Pela verificação das interinfluências dos povos e das suas culturas.

Pelo conhecimento do desenrolar económico e social das comunidades humanas, sabendo qual a importância desses factores, na evolução da humanidade.

Está assim pronto para compreender os problemas da nossa sociedade actual fundamentalmente económica.

Não ignora no entanto a existência doutros factores na sociedade, não menos importantes, como sejam designadamente os factores intelectuais e os morais.

O aluno, depois de ter aprendido todos estes conhecimentos e ter reflectido sobre eles, compreenderá o trabalho do historiador e lutará contra o puro esquematismo para restituir aos factos históricos a sua complexidade.



## FUNÇÃO FORMATIVA

O aluno em História aprenderá que não está sozinho no mundo e que o mundo está dividido em povos que, sendo diferentes uns dos outros, têm todos em comum — o *humano*.

Reflectirá o aluno e concluirá que deve ter respeito pelos outros e que ele deve ser um cidadão, isto é, se deve interessar pelo bem de todos os homens do seu país e do mundo.

Saberá também que ele, só, nada poderá, mas que todos os cidadãos poderão lutar pela felicidade na liberdade e no respeito mútuo, o que se costuma chamar civismo.

Aprenderá também que só haverá civismo nacional quando se expressar a tomada de consciência de todo o povo no respeito mútuo.

O aluno, ao aprender a verdade histórica, aprenderá que este civismo é filho da verdade e da tolerância e que, portanto, nos devemos habituar a que nem sempre temos razão, mas que os outros também poderão ter parte da razão, pelo menos.

Se assim se orientar o estudo da História, os alunos verão também os fundamentos dos problemas sociais, económicos e políticos e procurarão investigar mais além, procurando fazê-lo através da análise documental.

Esta forma de estudos cívicos leva à compreensão da vida dos outros.

Os alunos resolverão e superarão as contradições humanas.

Nesta formação cívica, que não é mais que a procura da verdade, o aluno tomará consciência da luta de classes, dos horrores da guerra, dos benefícios da paz e procurará que haja uma maior justiça entre os homens e uma igualdade real.

Nessa procura da verdade e nessa tomada de consciência, o aluno que estuda História procurará colocar cada pessoa no seu lugar.

A História sintetiza, totalizando todos os conhecimentos que qualquer pessoa deve ter.

Mas a História não dá ao aluno apenas a formação cívica, dá-lhe uma formação integral.

Como disciplina do passado, habitua o aluno a arrimar-se no presente e a disciplinar assim a memória.

Não interessa que o aluno decore tudo, mas

terá de fixar apenas o suficiente para a imaginação criadora trabalhar, se desenvolver e dar material ao juízo para que este, trabalhando, se desenvolva também.

Como entenderá o aluno os acontecimentos correntes do dia-a-dia, se não conhecer o passado?

O conhecimento do passado é um treino para que o aluno entenda os seus actos e os dos outros na sua vida presente. Mais, todos nós temos o desejo de ser precisos em todos os juízos que fazemos. Pois a História, além de disciplinar o juízo, desenvolve o hábito de precisão nesse mesmo juízo.

Todos os homens gostam de saber o porquê dos sucessos e insucessos humanos. Só a História poderá ensinar a pesquisar esses porquês.

Todos nós desejamos que os homens sejam verdadeiros e não liguem a preconceitos.

É obrigação do historiador levar os seus alunos à procura da verdade e ao abandono dos preconceitos, vendo as causas e as consequências da mentira, da ocultação da verdade e do uso, abuso ou despreendimento dos preconceitos.

Sabemos também que as obras humanas não são estanques, mas se continuam, mesmo quando



reagem. Essa evolução e continuidade, só a História no-las pode dar. O presente é o que mais prende o jovem. Mas ele sabe que o presente não existe sem o passado, pois nele tem as suas raízes. Se nele tem as suas raízes, é porque vieram até ao presente as linhas mestras desse desenvolvimento.

Como acontece isso, pergunta o jovem.

A História dá-lhe a resposta levando-o à apreensão do presente, à sua crítica e à crítica do passado, formando assim o senso crítico do aluno.

Nas relações entre os homens do presente e destes com os do passado e até com os do futuro tem de haver verdade e tolerância. Esta tolerância e o amor da verdade pertencem à educação histórica.

Quantas palavras novas não aprende o estudante da História, quantas necessidades não satisfaz ele na correção da expressão, para que a verdade e só a verdade esteja nas suas afirmações ou negações!

Vemos assim que o carácter e a vontade se afirmam no aluno da História, quando ele se entrega à procura da verdade.



## FUNÇÃO INFORMATIVA

Sendo a História uma ciência do passado humano, diz ao educando donde veio, como apareceu, por onde passou, o que passou, como chegou.

Todo o homem actua no presente. Pois é também a História que lhe diz como deve actuar no presente para obter os resultados desejáveis e até se vai ou não no bom caminho útil à humanidade ou à sua cultura.

É ainda a educação histórica que lhe dirá o que deve fazer, qual o destino que terá e quais serão as suas consequências no futuro.

Só pela História o educando poderá saber como agiu o homem do passado e se foi o melhor caminho ou se devia escolher outro.

Só assim o educando da História poderá saber como agir sensata, útil e até inteligentemente, pois que ele poderá apreender o actuar do homem no passado em extensão e profundidade, não caindo nos erros em que os homens do passado caíram, se os quiser evitar.

Também a moralidade e a sociabilidade do homem no passado, só a História lhe poderá ensinar.

No meio de todos os dados do passado, o educando, além de granjear o espírito crítico, arranjará um método próprio, mas colectivo, para distinguir o contingente do necessário e o essencial do accidental.

Poderá mesmo encontrar uma constante da conduta humana.

A História desenvolve no aluno todas as faculdades, principalmente a imaginação criadora, habituando-o a não fugir às responsabilidades, dando-lhe um sentido disciplinado e harmónico.

Nenhuma disciplina dará ao aluno a noção de tempo, a não ser a História.

Será difícil dar a noção de tempo?

Não. O adolescente ama o mundo imaginário. Por isso não lhe é difícil imaginar esse mundo deslocado no espaço e no tempo.

É o que se fará no chamado *Estudo da Pré-História*, que terá de ser mais lento que o estudo da História. E aí, devíamos também estudar as civilizações pré-históricas, debruçando-nos mais sobre as sociedades e menos

sobre o homem. Devíamos estudar mais as deslocções das comunidades humanas na Pré-História, as vias comerciais dessas sociedades, assim como os seus ritos funerários e religiosos.

Só assim os alunos perceberiam o tempo e o espaço da evolução humana nessa longínqua época: caçadores que se transformaram em agricultores e estes inventaram as civilizações urbanas.



## CONSTRUÇÃO DO HOMEM SOCIAL

O homem não vive totalmente isolado e por isso forçosamente pertence a uma sociedade.

Relaciona-se com os outros homens, recebendo e transmitindo algo de novo, contribuindo para o bem ou o mal de todos.

Só o bem se deseja e só ele tem sentido dentro duma sociedade. Esse bem tem origem no bom actuar dos homens, que por sua vez só pode provir do altruísmo e da cooperação de todos e de cada um.

Estas duas qualidades, altruísmo e cooperação, têm origem na educação.

A educação progride, quando o indivíduo, ao contactar com os outros homens ou com suas acções, aprende e acumula conhecimentos, os assimila e os transforma em perfeição.

O contacto com as acções dos homens que morreram, assimilando-as ou rejeitando-as, é nem mais nem menos que a educação histórica,



é nem mais nem menos que o aprender da História.

Na educação social, o que está em causa não é tanto a solidariedade entre as pessoas da mesma geração, mas a solidariedade entre as várias gerações, entre o passado e o futuro. Aqui voltamos nós ao aprender da História.

Como transmitir os valores do passado ao presente e ao futuro?

Só através da educação histórica.

Nas escolas não poderemos esquecer o caminho do adolescente, desde a descoberta do «eu» e do «outro» até à mudança de direcção no sentido do «outro». Este «outro», que pode ser do passado e do presente, está influenciado pelo passado.

Aqui está a importância da educação histórica.

Toda a educação deve ter em conta o passado e baseando-se nele, aceitando-o ou rejeitando-o, deve arrimar-se ao presente, adaptando-se-lhe, continuar-se e realizar-se no futuro.

O passado é dado pela educação histórica.

Podemos assim considerar quão importante é o ensino da História nos nossos estabelecimentos de ensino.



Deixem que afirme que uma sociedade se constrói e robustece ou se destrói e enfraquece conforme tiver ou não educação histórica.

Toda a sociedade tem um fim ético que procura atingir através da educação e podemos dizer que na maior percentagem atingirá esse fim através da educação histórica.

Para tal é preciso mostrarem-se os exemplos históricos que arrastem, factos que se possam imitar, factos que façam reviver a civilização passada, factos que se possam relacionar com a nossa actual civilização, mostrando as bases e características das civilizações passadas, o seu desenvolvimento e a sua continuação até à nossa.

Só por este processo o educando tomará gosto pela vida social, só por este meio o educando sentirá necessidade de proceder segundo a ética que a sua comunidade lhe inculca, só assim o educando obedecerá às mesmas éticas a que os seus antepassados obedeciam ou as rejeitará por estéreis ou prejudiciais.



## MÉTODO

Não poderá fazer-se um estudo sério de História, sem iniciarmos os alunos no método da História, que se poderá pôr em dois sentidos: pensamento e trabalho.

Deixando o primeiro para a Filosofia, teremos de estudar o segundo sentido, o do trabalho.

O professor deve fornecer aos alunos o modo como hão-de encontrar as informações.

Entre o uso do processo dedutivo ou do intuitivo, este é talvez o melhor, pois que é o mais adequado ao que se passa na vida real, uma vez que o homem tenta explicar os factos que vê.

Em História não pode haver método fixo a utilizar, empreguem-se o documento ou o manual.

Quanto ao uso do documento falaremos mais à frente, mas quanto ao manual devemos desde já dizer que não deve ser mais que um arrimo

para que o aluno caminhe por conta própria. Não interessa que o manual se apresente muito desenvolvido ou muito sintético. Cabe ao professor sintetizar o primeiro e explicar o segundo, ou antes, orientar os alunos nesse sentido.

Cabe ao professor indicar as bases ou linhas mestras de cada assunto, esteja pouco ou muito desenvolvido no manual.

O aluno cedo deve aprender que a objectividade do historiador está mais no método que usa do que no facto que estuda.

Deve também aprender a fazer uso do cepticismo lógico, para fundamentar a certeza na verdade, embora saiba também que a verdade histórica é móvel, provisória e relativa. Por isso a História é uma disciplina de compreensão e não de decorar para «vomitar». O aluno, antes do mais, deve aprender a tirar conclusões verdadeiras.

Um dos métodos actualmente usado em história económica é o método da história quantitativa. É que os fenómenos económicos regularizam toda a vida, quer dos consumidores quer dos produtores. E sabemos que estes fenómenos económicos interferem em todos os campos.

A história quantitativa, sendo uma história

de massas, ignora os homens e os factos heróicos ou excepcionais.

Tal método pode basear-se por isso em estatísticas de massa. Defende que se deve dar aos alunos sempre o desenvolvimento das civilizações nos seus diversos aspectos e não fazer uma história de personalidades políticas.

Ao mesmo tempo devem mostrar-se aos alunos os contrastes no ritmo da evolução humana, vendo como as convulsões humanas poderão modificar as estruturas, sem esquecer que o papel activo pertence sempre à minoria.

O aluno deve ver a problemática do presente sem esquecer o sentido cívico das coisas e das situações. Deve perceber a evolução das sociedades humanas, mas sem que esqueça poder haver simultaneidade das coisas.

Em qualquer estudo da História se não deve esquecer a história local e mesmo começar por ela, seguindo para a história nacional, sem esquecer, tanto quanto possível, o estudo da história universal. É também necessário interligar o estudo de todas elas para melhor compreensão da História. Só assim aprenderá o aluno a pôr todos os dados na frente e tirar daí uma opinião sã, embora saiba que pode não ser a melhor.



É necessário que o aluno aprenda a consultar as fontes e a construir gráficos e esquemas. Que aprenda a interrogar essas fontes, para adquirir os seus conhecimentos.

O professor partirá sempre do estudo da comunidade do aluno; deixará que os alunos conheçam e escrevam a biografia das pessoas ilustres da comunidade passada ou de outras comunidades com influência na do educando; permitirá que na importância dos assuntos seja dada prioridade aos espirituais e materiais, sem esquecer as figuras disponíveis e que, portanto, se deram a todos os homens; procurará criar ou desenvolver o Clube da História, o Centro de Estudos Históricos, a Sala de História (que nunca deve ser usada para aí se darem aulas), o Jornal de História, etc.

Para se construir a História será preciso seguir um processo e poderemos seguir ainda o processo clássico — heurística, análise ou crítica e síntese.

Se não há História sem documentos, sem se seguir um processo, a construção histórica ficará muito a desejar.

Seguindo um processo, o professor está no seu campo de orientação e o aluno no seu ver-



dadeiro caminho da auto-educação. Sendo assim, pode o aluno descobrir os problemas e dar-lhes solução.

A primeira fase ou heurística, não será mais do que a recolha de documentos, ou seja, a descoberta e a recolha das fontes históricas, quer as escritas quer as orais — tradições ou testemunhos —, e ainda o estudo do local onde os acontecimentos se passaram, pois os acontecimentos só se compreenderão bem, quando integrados no local que lhes serviu de cenário.

Depois da recolha das fontes, os alunos entrarão na segunda fase da construção histórica, a análise ou crítica, isto é, verificar o valor dos documentos recolhidos. Essa análise incidirá sobre vestígios e testemunhos.

A análise dos vestígios hão-de fazê-la através da crítica externa, ou seja, da forma do documento, da crítica da restituição com o fim de reconstituir na integridade o documento primitivo e da crítica da proveniência com o fim de verificar a autenticidade do documento nos seus caracteres internos, próprios e a informação externa, isto é, por outros documentos.

Também não esquecer a crítica interna, ou seja, a do conteúdo do documento, também cha-

mada hermenêutica, respeitando estas, entre outras regras:

interpretar cada palavra ou cada frase no contexto e não só isoladamente;  
distinguir o sentido real do possível sentido literal.

Como não existe História sem documentos, mal vai o ensino da História quando se faz sem essas preciosas fontes auxiliares para o professor, mas principalmente para os alunos.

## USO DO DOCUMENTO

Henri Marron<sup>1</sup> escreveu: «é um documento toda a fonte de informação de que o espírito do historiador sabe tirar qualquer coisa para o conhecimento do passado humano. Numa palavra, tudo o que, numa herança subsistente do passado, pode ser interpretado, como um índice, revelando algo da presença da actividade, dos sentimentos, da mentalidade do homem de outrora e que entra na nossa documentação».

Vemos assim que o documento pode ser tudo o que existe do passado, material, escrito ou não escrito ou mesmo oral. As lendas podem ser documento. O que interessa é que o historiador tire daí o que deve corresponder à verdade, e tudo quanto do passado humano chegou até nós.

O documento é o conservador no tempo e no espaço do facto histórico. Serve para o homem

---

<sup>1</sup> Cahiers Pédagogiques, n.º 65, Janeiro, 1967.

conservar o passado transformando-o em civilização e cultura do presente e do futuro.

O homem usa do testemunho para a formação do seu mundo. Um dos testemunhos para essa formação é o documento histórico.

O homem tem horror à finitude total do seu ser, deseja permanecer para sempre e esforça-se por continuar a sua existência.

Qualquer documento, por mais simples e inocente que seja, é uma parte da continuação do homem.

O documento expressa a vontade dos antepassados, é o pensamento do passado adaptado e actualizado no presente.

O documento, mesmo que seja dum só homem, projecta também o meio em que o homem viveu ultrapassando muito de longe a biologia desse homem que nos deixou o documento.

O documento expressando na sua matéria uma acção do homem, é também instrumento de comunicação desse homem com o seu futuro, que é o nosso presente ou até o nosso futuro; e essa comunicação não desaparece, torna-se persistente, a tal ponto de o próprio homem que a fez não mandar nela.

Qualquer documento é também o transmissor

e até a ligação do espírito desse homem com o espírito dos homens seus vindouros.

Só através do documento, o homem do passado nos deixou um sinal da sua existência, um testemunho da sua acção, um vestígio da sua vida e é através dele que esse homem continua a afirmar uma circunstância única e irrepetível.

É através do documento que nós fazemos reviver o homem que no-lo transmitiu e ao qual perante o documento podemos interrogar e que nos dará resposta a todas as perguntas por nós formuladas, quer quanto à pessoa desse homem, quer quanto às circunstâncias em que viveu e o mundo que ele e os outros realizaram.

O documento manifesta o pensamento do homem, vivo e activo, e mais do que isso, até a herança desse homem, herança essa que poderemos encontrar nesse ou noutros documentos, fixando assim as interacções e a presença dos outros homens, no homem em que se realizou o documento.

O documento vê todo o contexto em que o homem do passado viveu. É assim o expressar do pensamento desse homem do passado e tal qual como se ele vivesse e actuasse.

Mas apesar de ser unitário, não é livre das



influências conhecidas por outros documentos, que nos relatam as interacções dos homens e a sua presença no próprio contexto do documento.

Vemos assim que qualquer documento é integrador, enquanto tudo liga, tudo relaciona e tudo revive.

O documento dá-nos a resposta do aspecto do contexto que queremos e lhe perguntamos, mas não deixa de esconder para mostrar, quando lho pedirmos, todo o restante de dimensões infinitas.

O documento não é mais que uma acção revitalizadora, actualizante, embora imobilizada na sua perfeição. É que só ele nos pode mostrar a verdadeira razão por que o homem do passado actuou assim.

É preciso saber lidar com o documento, caso contrário, torna-se mudo, não fala e tudo o que dele se disser fica no mundo das fábulas.

É verdade que muitas vezes lhe é dado um valor actualizado, alterando até o seu sentido ou o seu conteúdo. Há assim um erro do intérprete que não percebe a linguagem do passado e quer convencer toda a gente que percebe. Não se sabe reintegrar no encadeamento retrospectivo do documento.

Ouvir e perceber um documento não é vivê-lo, mas sim conhecê-lo inteligentemente pelo que nos mostra e pelas acções de que foi causa; aqui é verdadeira a afirmação de que alguém se conhece pelas obras.

O documento consegue ligar o aluno à escola, o aluno à humanidade passada, presente ou futura.

Com o documento desenvolvem-se no aluno as capacidades analítica e sintética.

Criam-se no aluno atitudes positivas, como o espírito de crítica e de reflexão. Desenvolve-se no aluno a capacidade de criar hipóteses e de as verificar, dá-lhe, dentro do valor comparativo, uma exactidão nos juízos a fazer.

Pela exploração do documento e dentro da positividade de exploração, o aluno adquire autonomia e conseguirá interrogar o documento dialogando com o passado.

É no entanto muito importante notar que o documento só deve ser entendido no global do contexto: onde o texto não chega, terá o professor de suprir essa falta com gráficos, esquemas, etc.

Só com o documento poderemos dar a pano-

râmica geral duma civilização, o que mal se consegue sem ele.

O próprio manual só valerá se for usado como documento.

O documento evita o aniquilamento da reflexão e juízo do aluno, o que acontecerá se for o professor só a falar, pois fará uma síntese sem análise.

Só o documento torna a história presente, torna activo o seu estudo, mesmo experimental e concreto.

O documento, seja autêntico ou figurado, escrito ou não, interessa ao aluno mais que qualquer exposição feita pelo professor.

As figuras populares, por exemplo, serão um manancial de reflexões.

Só o documento evita que a História seja ao serviço do egoísmo e apetites do homem, ou seja uma fixação ou récita dum conto de ficção.

O documento garante que o essencial da questão tratada fique sabido pelo aluno.

É também o documento que preserva todo o valor educativo da História.

Serve ainda para demonstrar o talento do aluno, inteligência, memória e vontade.

Pela retenção do aluno, este aprende a ser preciso.

E pode até o documento ser usado para controlar os conhecimentos, feito esse controlo por escrito ou oralmente, para apoiar a inteligência e a compreensão.

Vemos assim que o documento terá todas as utilidades que lhe quisermos dar, desde a introdução dos alunos num assunto, para que o aluno através do documento redescubra conhecimentos, desde a ilustração dos diversos aspectos dos estudos, principalmente os que se considerem mais importantes, até à consolidação dos conhecimentos já adquiridos.

E quantas vezes o documento não responde a questões postas pelos alunos e a que não desejam que o professor responda por palavras suas! Só o documento dará respostas capazes.

O que nos interessa no documento?

Tudo, o continente e o conteúdo.

Sobre o documento, o historiador pode formular várias hipóteses, conforme as perspectivas em que vir esse documento.

Apesar de tudo, não esqueçamos que o documento dá sempre a todas as hipóteses algo que



as liga e que as poderá monobloquizar, na medida em que o continente seja conhecido.

O continente terá assim sempre uma unidade concreta, unidade que o historiador não poderá nem deverá destruir sob pena de falsear o facto histórico, para não dizer esse mesmo documento.

O documento pode ser usado por qualquer pessoa, desde que tenha o mínimo de cultura e o mínimo de conhecimento e experiência.

Mesmo à criança, logo que conceba o antes e o depois, já se lhe poderá apresentar o documento histórico. Ela saberá relacionar e concocer esse documento colocado no passado, que é o antes.

A criança pode não distinguir bem o tempo, mas distinguirá os objectos concretos collocando-os por ordem de sua sucessão. Ela interrogará esses objectos, que lhe darão as respostas às perguntas que a criança fizer.

O documento tem de ser um campo de operações, onde se irão desenvolver todas as acções de investigação e descoberta do homem que nos precedeu, incluído ou não numa sociedade.

Documentos não são apenas os textos, mas também objectos do passado, como pinturas,



estátuas, utensílios, moedas e tudo quanto seja possível apreciar.

Não esqueçamos que, ao apresentarmos um documento com forma actual, o deveríamos acompanhar pelo menos com cópia do original.

Um documento escrito por Heródoto, embora possa apresentar-se aos alunos em português actual, deve ser acompanhado da fotocópia em grego clássico. Só assim os alunos poderão apreciar a escrita que o autor fez. Se não se proceder assim, como integrar o aluno nesse passado longínquo, quando ele só vê o documento em escrita actual?

O documento terá de ser visto por todos os alunos ao mesmo tempo e da mesma maneira. Só assim o aluno criará interesse e todos, o mesmo interesse pelo documento.

Ao mostrarmos o documento ao aluno devemos deixar que ele sofra um choque psicológico. Só então deve intervir a acção do professor para em colaboração com o aluno elaborar as hipóteses e as possíveis soluções.

O professor será assim o companheiro, o guia, neste terreno a explorar, que o aluno não

conhece, mas que, pela aventura, quer explorar ao máximo.

Cabe ao professor o plano sistemático, o plano de exploração, para poder guiar o aluno.

Mesmo ao pôr hipóteses absurdas, o aluno, perante as hipóteses dos outros camaradas, concluirá da complexidade real dos problemas, da própria capacidade de interpretar e da tolerância perante as hipóteses dos outros, vê iniciar a sua atitude crítica, tendo respeito pela atitude crítica dos outros.

Tal como o comandante no campo das operações militares, assim o professor dará os pontos de ataque, disporá os alunos em pontos estratégicos de exploração, para que todos, em conjunto, nada deixem por explorar no documento.

É necessário que o professor não perca de vista a situação nem a sistematização apresentada.

Deve também o professor vigiar para que os alunos não caiam numa dispersão estéril e no vácuo.

Deve permanentemente travar a vivacidade dos alunos e trazê-los sempre que necessário à disciplina mental e nem sequer os deixar ir para

além dos limites do documento e eliminar todas as hipóteses falsas com o próprio documento, tanto quanto possível.

No documento interessa tanto a resposta, como a pergunta formulada pelo aluno em presença do documento, pois o que interessa é a procura da verdade, através da reflexão e da discussão.

A leitura do documento, sempre que possível, deve ser feita pelo aluno. Só assim poderá reflectir e discutir estabelecendo diálogo.

O professor nunca deve esquecer-se de explorar a data e a natureza do documento, e o próprio vocabulário.

Devemos notar também que interessa o uso do documento e não o abuso. Não esqueça por isso o professor que, se apresentar vários documentos, o aluno não apreciará nenhum e tirará, se tirar, conclusões estéreis e duvidosas, pois serão rápidas, de ânimo leve, sem reflexão. Um ou dois documentos bastam para que o aluno trabalhe. Mesmo ao apresentar dois ou mais documentos, deve ser para serem usados em comparação.

O documento deve ser usado no devido tempo. É preciso pois que o texto seja escolhido e pre-

paradas as respostas às possíveis perguntas dos alunos e as perguntas a fazer aos alunos.

Não esqueça também o professor que o documento deve ser posto à discussão na classe, depois de ter sido feito o estudo dele em grupos ou individualmente.

Esta discussão poderá levar muito tempo mas será útil, até quase sempre proporcional ao tempo que durar a discussão.

O título do documento, tal como de qualquer lição de História, deve ser escrito no fim, pelos alunos e não ditado pelo professor. Daqui a vantagem de se escrever o sumário da lição no fim da aula.

Qualquer documento pode ser usado, seja autêntico ou figurado, mas sempre identificado como tal. O documento deve ser sempre escolhido para o nível dos alunos e deve ser feita essa escolha com todo o cuidado, pois deverá dar noções aos alunos, mas não deve ser tão longo que os mace, nem tão difícil que eles nada compreendam.

Devemos deixar que os alunos escolham documentos a apresentar à classe.

Ao ser escolhido o documento devemos preocupar-nos com que ele dê resposta ao maior



número de perguntas, como, por exemplo, de que trata o documento, de que é feito, a quem se destinava, quando foi feito, porque apareceu, qual a intenção do autor, etc.

Ao usarmos o documento não estamos a fazer mais do que pôr em diálogo dois homens, ou mais do que isso, dois estratos da humanidade ou mesmo duas ou mais gerações.

Pode haver o perigo de um dos interlocutores, comprometido no presente, querer ver o passado, que já se apresenta refractado, tal como o veria na actualidade, podendo portanto alterar o centro da perspectiva, até porque o documento, por mais verdadeiro que seja, é sempre do passado.

A subjectividade do historiador entra em luta com a objectividade desejada e com a possível subjectividade do passado distante.

Ainda para cúmulo, o historiador deixa-se guiar pela razão, e o documento quantas vezes não foi doseado e fundamentado no sentimento!

É que dentro do desejo de objectividade, o historiador vê o documento como matéria, ausentando de lá o coração dos homens e quantas vezes mesmo a presença humana.



Mas reduzir-se-ão as aulas de História, todas ao uso do documento?

Tal como em ciências experimentais não são dadas todas as aulas em prática de laboratório, também em História não devem ser dadas todas as aulas a fazer experiências com documentos.

## CONCLUSÕES

É triste, mas é verdade constatada todos os dias que a maior parte dos alunos não gostam de História e os que gostam são por norma os que, abusando da memória, tiram boas notas.

A maior parte dos alunos, depois de cinco ou sete anos de História, poucos fins atingiram com o seu estudo, que como vimos, são muitos.

Porquê? Teremos de tirar uma conclusão triste: o ensino da História nas nossas escolas está a ser mal feito em todos os aspectos, desde os programas extensíssimos até aos horários exíguos. E como diz o nosso povo, é impossível fazer pão sem massa.

Não me digam que é bom ensino da História, quando o professor ou o manual indicam apenas certos factos de uma certa actividade dentro duma certa civilização, afirmando que esses factos são os mais significativos dessa civiliza-

ção, embora saibamos que o significado das coisas evolui conforme o tempo, o lugar, e até as pessoas que as tratam.

Deve ser o aluno a tirar as conclusões do estudo que faz e não o professor ou o manual. Por isso devem ser estudados o máximo de factos duma civilização, para que o educando possa criticar e escolher o que melhor entenda poder realizar no presente e tirar as bases para criar o seu futuro.

Longe de mim falar do ensino que se administra e em que o aluno aprende o passado como passado, sem qualquer ligação com o presente nem com o futuro!

Todos os factos do passado só valem pela sua relação com o presente e o futuro e só nessa medida serão aceites.

E não ficarão os cabelos em pé, de arrepios, quando o professor, ao comparar o facto presente com o passado, dá mais importância ao facto passado e até só louva esse facto, concluindo que nesses tempos é que era!

Não admira que o educando crie horror ao passado. É que o aluno vive no presente e será nele que terá de realizar-se e sentir-se feliz.

O aluno atormentado por ter de decorar coisas, nomes e factos que lhe não dizem nada, nem sequer a noção de tempo apreende.

Agarra-se só ao presente, procura gozá-lo o mais que possa, o mais depressa possível e de qualquer maneira.

Que utilidade tirará o aluno dum ensino em que lhe pedem para decorar factos estanques, sem que ele veja a sua evolução e continuidade, quanto mais a sua relação com o seu presente e o seu futuro?

Terá qualquer utilidade que o aluno aprecie um texto histórico, como um texto literário?

Como apreciará ele os documentos, se ninguém lhe forneceu dados, circunstâncias, espírito de compreensão e tolerância para que ele se possa transportar ao passado do documento e possa retornar ao presente para o ver o mais objectivamente possível?

Terão professor e aluno as condições mínimas para se debruçarem sobre o estudo da História?

Não terão razão os alunos quando dizem que a História não serve para nada a não ser para dar cabo da memória, se ela não atinge os fins?

Poderá o professor de História fazer alguma coisa, quando lhe apresentam um programa extensíssimo que o aluno terá de saber?

Como ligá-lo ao presente e ao futuro, se mal se pode aprender o passado?

Tudo fica no passado, incluindo os próprios conhecimentos, que só chegarão no máximo até aos exames ou até ao fim do ano.

Com o programa existente, o aluno terá forçosamente de ganhar horror à História, porque é uma «estopada».

Se a História tem de ser um estudo contínuo, nada se poderá fazer com menos de três ou quatro tempos semanais, por menor que seja o programa.

Jamais poderá fazer alguma coisa o professor que queira fazer aulas experimentais com a presença de três dezenas ou mais de alunos. Terá de se limitar a aulas teóricas, expositivas ou não, enquanto os alunos dormem, desenham, se distraem ou até conversam uns com os outros. Para aulas experimentais, só em grupos reduzidos de três a cinco alunos em poucos grupos. Caso contrário, o professor perderá o controlo da turma.

Todos nós portugueses somos regionalistas



e era por aí que se devia começar o estudo da História. Pois o que se denota é que a História Local aparece apenas como referência, quando aparece.

Com três ciclos de estudo, porque se não começa, no Ciclo Preparatório, o estudo da História Local, se não segue no 1.º do Secundário para o estudo da História Nacional e no 2.º ciclo do Secundário se não dá então a História Universal?

Vimos que o importante destes estudos era a educação histórica, daí proveniente.

Será nula esta educação, enquanto tudo continuar como está, em que professor e alunos passam o ano sem se conhecerem, em que professor e alunos passam o ano sem se encontrarem, nem sequer nas aulas, pela quantidade de alunos e do número limitado de tempos semanais.

Como terão bons conhecimentos de História sem conhecimento das ciências auxiliares de História e que por norma agradam mais que a própria História, como a Arqueologia, Cronologia, Diplomática, Epigrafia, Esfragística ou Sigilografia, Etnografia, Etnologia, Filologia, Folclore, Heráldica, Iconografia, Medalhística, Numismática, Paleografia, Toponímia? Mas

como dar conhecimentos destas ciências, se as horas destinadas ao estudo da História são tão poucas e o programa tão extenso?

E porque não fazer um estudo em actividades extra-escolares?

Esperemos que os professores de História chamados a produzir algo de positivo não continuem silenciosos, comodistas, tentando adaptar-se ao que sabem não poderem fazer.

## BIBLIOGRAFIA

AUGUSTO, MÁRIO — *Educacional*, Porto Editora, Porto, 1973.

BLOCH, MARC — *Apologie pour l'Histoire ou Métier d'Historien*, Librairie Armand Colin, Paris, 1961.

*Cahiers Pédagogiques*, n.º 65, Janeiro, 1967.

CRAVEIRO, JOSÉ — *Do ensino da história, da História do ensino*, Dissertação, 1970.

GUERRA, MARIA LUÍSA F. FERREIRA — *Ensaio de Experimentação Pedagógica sobre Didáctica do documento na disciplina de História do 2.º Ciclo Liceal*, in Palestra, Revista de Pedagogia e Cultura, n.º 12, Lisboa, 1961.

HALPHEN, LOUIS — *Introdução à História*, trad. José Sarmiento, Livraria Almedina, Coimbra, 1961.

RAMA, CARLOS M. — *Teoria de la Historia*, Editorial Nova, Buenos Aires, 1959.

REINHAR, MARCEL — *L'Enseignement de L'Histoire*, Presses Universitaires de France, Paris, 1967.

20.

## ÍNDICE

Escolha do passado ... ..	3
Objectivos ... ..	5
Função formativa . ... ..	9
Função informativa ... ..	13
Construção do homem social ... ..	17
Método ... ..	21
Uso do documento . ... ..	27
Conclusões ... ..	41
Bibliografia ... ..	47
Índice ... ..	48

